



O conceito “aporofobia” de Adela Cortina: reflexões sobre a sistêmica aversão aos pobres e a pobreza

El concepto de aporofobia de Adela Cortina:
reflexiones sobre la aversión sistémica a los pobres y la pobreza

Flávio Rocha de Deus ¹

Resumo: Em 2017, o neologismo “Aporofobia”, desenvolvido pela filósofa espanhola Adela Cortina, professora de Filosofia Moral da Universidade de Valença, foi eleito como a palavra do ano. Tal conceito foi desenvolvido por Cortina para evidenciar o que ela chama de *sistêmica rejeição à pobreza e às pessoas sem recursos*. Nosso objetivo, neste trabalho, é explicar o conceito de aporofobia, as premissas argumentativas da filósofa para validá-lo e realizar, através de autores contemporâneos, reflexões acerca das formas nas quais podemos visualizar e pensar tal condição em nossas sociedades e contemporaneidades.

Palavras-chave

Aporofobia, Adela Cortina, Pobreza.

Resumen: En 2017, el neologismo “Aporofobia” desarrollado por la filósofa española Adela Cortina, profesora de Filosofía Moral en la Universidad de Valença, fue elegida como la palabra del año. Este concepto fue desarrollado por Cortina para resaltar lo que ella llama *un rechazo sistémico de la pobreza y las personas sin recursos*. Nuestro objetivo en este trabajo es explicar el concepto de aporofobia, las premisas argumentativas de la filosofía para validarlo y realizar reflexiones sobre las formas contemporáneas en que podemos visualizar y pensar esta condición en nuestras sociedades y contemporaneidades.

Keywords

Aporofobia, Adela Cortina, Pobreza.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia. Professor Colaborador do *Pré-Vestibular Gradação*, da Universidade Federal do Pernambuco, e Residente Pedagógico de Filosofia do Instituto Federal da Bahia. Integra o *Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios* da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a *Associação Latino Americana de Filosofia Intercultural*, e o Grupo de Pesquisa *Gramática Política*. E-mail: rocha.iflavio@gmail.com

0. Epígrafes elementares para começarmos

Você deve notar que não tem mais tutu e dizer que não está preocupado
Você deve lutar pela xepa da feira e dizer que está recompensado
Você deve estampar sempre um ar de alegria e dizer: tudo tem melhorado
Você deve rezar pelo bem do patrão e esquecer que está desempregado
Você merece. Você merece. Tudo vai bem, tudo legal
Cerveja, samba e amanhã, seu Zé. Se acabarem teu carnaval?

[Gonzaguinha, *Comportamento Geral*, 1973]

Hoje, não tem boca pra se beijar. Não tem alma pra se lavar.
Não tem vida pra se viver, mas tem dinheiro pra se contar.

[Criolo, *Esquiva de Esgrima*, 2014]

- Ei, vocês de baixo, podem me ouvir?
- Não chame os de lá de baixo!
- Por que não?
- Por que eles estão abaixo. E os de cima não irão lhe responder.
- Por quê?
- Porque estão acima, *óbvio*.

[Goreng e Trimagasi, *O poço*, 2020]

Bem-aventurados os ricos e milionários
pois eles receberão na terra as honras e glórias dos reinos dos céus

[P] Pereira, *Deuses de dois mundos*, 2015]

- Primeiro faça acreditar que o papel tem valor.
- E depois?
- Deixe-os sem o papel.
- Mas eles não vão simplesmente procurar outras formas de viver?
- Não se preocupe, quando começam a acreditar no papel esquecem o que eram antes dele.
- O que eles eram?
- Bichos Livres que sabiam viver sem papel, *óbvio*.

[Montrian e Micael, *Os sonhos de Deus*, 1023]

- Eles ficam se olhando... Uns para os outros... buscando formas de se usarem.
- Sim, lamentável... mas superaremos...
- Se não é o número de papeis que dá valor as coisas, o que realmente dá?
- Ora, a única coisa que importa caso não tenha nada depois daqui...
- Poder sobre os outros?
- Não seja estúpido, nós não somos simples animais.
- O que então?
- A única coisa que foi dada apenas a nós: a capacidade de criar e colecionar boas memórias

[Micael e Akahs, *Os sonhos de Deus*, 1502]

No momento em que paramos de lutar uns pelos outros,
neste momento, nós perdemos a nossa humanidade

[Jackson Curtis, *Adeus Atlântida*, 2012]

1. O que diria Jesus?

Na tradição do Candomblé, há uma interessante história acerca do divino e de seu auxílio aos pobres. Conta-se que, certa vez, um trabalhador sem posses, o qual vendia sua força de trabalho para os donos de terras, era de forma recorrente injustamente despedido. Como a cada demissão seus donos “se apoderavam de tudo o que ele construía”, ele recorreu a Ogum. O orixá da guerra e do ferro, ao ouvir sua história, então ordenou: Desfie folhas de dendezeiro e as coloque nas portas dos seus. Esta noite, passarei pela cidade; as casas em que tal folha não estiver, não amanhecerão de pé (PRANDI, 2001, p. 101).

Pelo mesmo caminho, Jesus, patrono da religião que sustenta basilarmente a cultura ocidental, não enxergava as riquezas e posses como uma régua de valoração dos indivíduos, muito pelo contrário: pregava o desapego material como caminho para salvação. No livro de Lucas (18:24-25), Jesus profere uma de suas mais famosas lições: “[...] dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha que um rico no Reino de Deus.” Andar com os pobres, desvalidos e marginalizados pela sociedade; ter uma boa relação com os pobres; o desapego às riquezas materiais; e a valorização das virtudes do bom trato com o outro acima dos ganhos terrenos – todos esses foram exemplos dados por Jesus durante sua vida, e podem ser considerados um dos principais testes de adequação moral à fé que guia a tradição.

Ariano Suassuna, no roteiro do aclamado Auto da compadecida (2000), cria uma fictícia lenda: “Jesus às vezes se disfarça de mendigo pra testar a bondade dos homens”. Devemos, portanto, para os fins deste trabalho, perguntar-nos a seguinte questão: na contemporaneidade, se utilizasse o critério acima, qual seria a avaliação que Jesus faria das sociedades modernas? Se formos acompanhar o pensamento de Adela Cortina (2020), tal avaliação não é muito positiva ou orgulhosa. Para a filósofa espanhola, as coletividades, principalmente as nacionalistas, possuem uma sistêmica aversão a pessoas pobres, fenômeno este que ela conceituou como “Aporofobia”, derivado da palavra grega *aporos* (ἀπορος), usada para nomear aqueles que não possuem recursos.

2. Aporofobia: quando xenófobos, racistas e preconceituosos dizem “bem-vindos”

Ao analisar a discrepância no tratamento dado aos imigrantes, dependendo do propósito destes no país de imigração, Cortina encontra a pobreza como o fator determinante para tal rejeição sistemática por parte dos nacionais. Entender a xenofobia e sua seletividade pela abundância financeira é o primeiro passo para a fundamentação do conceito de *aporofobia* e sua comprovada relação com a sociedade contemporânea. O que a filósofa, professora emérita de Filosofia Moral e Política da Universidade de Valença, primeiramente nos mostra é a existência de dois tipos de estrangeiros, dois tipos de pessoas de fora, dois tipos de “outros”: os que possuem função econômica e os que não têm.

Angela Merkel perde votos em seu país, inclusive entre os seus, precisamente por ter tentado mostrar um rosto amável e por persistir em sua fundamental atitude de humanidade; a Inglaterra se nega a receber imigrantes e aposta no Brexit para fechar as portas; sobe prodigiosamente o número de votantes e afiliados dos partidos nacionalistas na França, Áustria, Alemanha, Hungria, Holanda; e Donald Trump ganhou as eleições, dentre outras razões, por sua promessa de deportar imigrantes mexicanos e de levantar um muro na fronteira com o México. Ao que tudo indica, alguns votos do presidente norte-americano provinham de antigos imigrantes, já estalados em sua nova pátria (CORTINA, 2020, p. 18).

Este cenário de afastamento e rejeição aos indivíduos de outros territórios não se limita apenas ao norte global. No Brasil, podemos destacar movimentos separatistas como *São Paulo Livre* (SPL), que busca independência para a unidade federativa, e o movimento *O Sul é Meu País*, o qual busca unificar os estados do Sul em uma nação independente. Destaco estes dois movimentos pela centralidade da questão econômica em seus discursos. Na carta de princípios do movimento *O Sul é meu país*, por exemplo, apesar de elencar oito motivações para o apoio do público à organização – motivações políticas,² tributárias,³ econômicas,⁴ geográficas,⁵ sociais⁶ e até mesmo morais⁷ – sete delas, exceptuando-se apenas as motivações históricas, possuem justificativas baseadas na riqueza, no erário público e no suposto peso financeiro que seria a união de todas as 26 unidades federativas. Seguindo tal lógica, o *Movimento São Paulo Livre* (s/d, s.p.), sob o desejo de “Menos impostos e melhor aplicação dos recursos públicos”, finca seu incômodo basilar no fato de pagar mais impostos à federação do que recebe, sendo obrigado a dividi-los com o resto da nação, aparentemente, segundo eles mesmos, menos abastarda.

² Consta no site acerca de tal motivação: “O terrorismo tributário, que penaliza a cadeia produtiva e de consumo, jogando as livres iniciativas na marginalidade e promovendo o desemprego”. (O SUL É MEU PAÍS, s/d, s.p.)

³ Consta no site acerca de tal motivação: “A abominável sangria tributária da região Sul, sempre submetida à má distribuição do bolo tributário, que privilegia regiões, discriminando outras, bem como a má distribuição do nosso esforço tributário que apenas contempla o fortalecimento das oligarquias políticas clientelistas do Norte e Nordeste, em prejuízo das próprias populações daquelas regiões.” (O SUL É MEU PAÍS, s/d, s.p.)

⁴ Consta no site acerca de tal motivação: “A Região Sul tem todos os requisitos necessários para se tornar uma das nações mais prósperas [no sentido estritamente econômico] do planeta.” (O SUL É MEU PAÍS, s/d, s.p.)

⁵ Consta no site acerca de tal motivação: “[...] um aproveitamento racional desta geografia nos trará autonomia no campo energético, na indústria turística, na agricultura, na pecuária e em muitos outros campos das atividades econômicas” (O SUL É MEU PAÍS, s/d, s.p.)

⁶ Consta no site acerca de tal motivação: “O galopante crescimento da pobreza da população sulina e sua acentuada degradação social, com a proliferação das condições subumanas, são fatores que causam indignação, principalmente porque não existe perspectiva de reversão deste caótico quadro dentro do cenário sob o controle do estado brasileiro.” (O SUL É MEU PAÍS, s/d, s.p.)

⁷ Consta no site acerca de tal motivação: “A falta de investigação séria e veloz diante das constantes e crescentes denúncias de estelionato, de peculato, de formação de quadrilha e de locupletação com os recursos do erário, com a impunidade que graça nos altos escalões do sistema pseudo-federativo brasileiro”. (O SUL É MEU PAÍS, s/d, s.p.)

Ainda em nossa contemporaneidade e territorialidade, Vilmar Debona, professor de filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, ao analisar um discurso daquele que neste momento ocupa a presidência deste país durante a crise sanitária, econômica e social causada pela pandemia do COVID-19, evidencia o *aporofóbico dilema* existente para o governo ao ter que escolher entre a economia e vidas humanas, sabendo exatamente quais vidas realmente estão em gritante perigo. Em sua primeira entrevista televisiva depois que a pandemia chegou ao Brasil, ele disse: “Vão morrer alguns pelo vírus? Sim, vão morrer! Vai acontecer? Vai acontecer, lamento! Mas essa histeria prejudica a economia”. Dessa forma, o que vemos de fato é “a impolidez diária do presidente [que] esposou seu menosprezo por todos os cidadãos – mas especialmente pelos despossuídos” (DEBONA, 2020, s.p.).

Para Cortina (2020, p. 26), o principal problema, a substância de exclusão, não é a raça, a etnia e/ou o estrangeiro. O problema é a pobreza: “há muitos racistas e xenófobos, mas quase sempre todos são aporofóbicos”. O que podemos perceber é que o fator em comum entre os rejeitados não é necessariamente a origem e/ou seus fenótipos físicos – intersecções estas que não devem ser descartadas das análises sociais – mas, sim, a classe social pertencente e sua utilidade, comumente econômica, para o território em que se encontra. Não podemos nos esquecer: os países que recusam os famintos refugiados, os quais chegam a nado ou a navio em suas praias, ou por peregrinação até suas fronteiras, são também os mesmos países que lavam, secam e enceram os chãos de seus aeroportos internacionais, repetindo todos os dias em seus autofalantes, com extrema simpatia e cordialidade: “bem-vindos”, “*bienvenue*”, “*welcome*”, “*benvenuto*” e “*bienvenido*”. Muito raros, quase inexistentes, são aqueles que, sem nenhum interesse, acolhem outros em seus lares por pura gentileza.

Não são repugnantes os orientais capazes de comprar equipes de futebol ou de trazer o que, há algum tempo, se chamavam de “petro-dólares”, nem os futebolistas de qualquer etnia ou raça, que cobram quantidades milionárias, mas são decisivos na hora de ganhar competições. Não incomodam também os ciganos triunfantes no mundo do flamenco, nem rejeitamos os investidores estrangeiros que montam fábricas de automóveis em nosso país, capazes de gerar emprego, centros de lazer aos quais se dá permissão de fumar em suas instalações, além de muitos outros privilégios. E todo esse longo etecetera de aportes estrangeiros que aumentam o PIB (CORTINA, 2020, p. 25)⁸.

A pobreza a que Cortina se refere não deve ser entendida apenas como uma carência financeira. Tal carência se torna mais evidente e central na discussão por nos localizarmos em um sistema econômico capitalista em que as trocas/posses/valorações monetárias assumem um papel determinante nas possibilidades e impossibilidades de agir de forma livre, autônoma e segura. Sartre, por exemplo, um filósofo que aceitou a

⁸ Han (2017, p. 12), ao fazer uma breve nota acerca da teoria de Espósito sobre a previsibilidade das manchetes de jornais, fornece-nos um sagaz comentário que acompanha a visão de Cortina sobre tal questão: “o assim chamado ‘imigrante’ hoje em dia, já não é mais imunologicamente um outro, não é um estrangeiro, em sentido enfático, que representaria um perigo real ou alguém que nos causasse medo. Imigrantes são vistos mais como peso do que como ameaça”.

condenação do homem à liberdade existencial, em seu escrito “*Avoir faim, c’est déjà vouloir être libre*”⁹, que acompanha seu pensamento marxista, assume os limites e as impossibilidades dos que carecem de recursos em se fazerem livres nas sociedades capitalistas, pois “a liberdade como existe nas democracias burguesas é uma farsa, e aqueles que gozam dos direitos abstratos que eles nos fornecem o fazem porque já possuem direitos concretos; isto é, eles possuem poder econômico.” (SARTRE, 2020, p. 221).¹⁰

Devemos, portanto, aceitar que a pobreza “é a carência dos meios necessários para sobreviver, porém não apenas isso, [...], pobreza é a falta de liberdade, a impossibilidade de levar a cabo os planos de vida que uma pessoa tenha razões para valorizar” (CORTINA, 2020, p. 49). O conceito de Cortina deve ser percebido principalmente como nossos ataques às coletividades “sem recursos”, aumentando sistematicamente a exclusão. É a impossibilidade de contribuir com o sistema de trocas e ganhos das relações sociais que define as vítimas da aporofobia: aqueles que, por habitualmente não terem recursos, são considerados como dispensáveis. São indesejados, em síntese, pela crença de que: “se nada tem a nos oferecer, só podem estar aqui para tomar”. Em outros termos, tem-se a impossibilidade de entender o outro como sujeito, pois aqueles que “habitualmente não tem recursos [...] não podem nada oferecer ou parecem não poder fazê-lo” (CORTINA, 2020, p. 26). Cortina é muito assertiva ao nos dizer que, em qualquer grupo sistematicamente oprimido,

[...] será a pobreza social a que os converterá em foco de desprezo, porque não se aplaude nas sociedades o discurso contra qualquer cor de pele, qualquer raça, qualquer etnia, qualquer religião ou qualquer ideologia, e sim os discursos contra a cor de pele, a raça, a etnia ou ideologia que se encontrem em situação de vulnerabilidade. (CORTINA, 2020, p. 69)

3. Para nós um conceito: o que é a pobreza?

Muitas histórias futuristas têm ao estilo *Big brother*, mas acredito que isto corresponda a uma concepção da tirania própria ao século XX. A tirania que hoje ocorre assume novos disfarces – a tirania do século XXI é aquela chamada de “democracia” (CUARÓN *apud* ZIZEK, 2013, p. 36).

Admiramos gênios, os amamos, mas eles nos desestimulam. São grandes concentrações de intelecto e emoção, sentimos que eles absorveram todo o poder disponível, monopolizaram-no e não deixaram nada para nós. [...] É isso que a democracia fez conosco, infelizmente: disse-nos que o gênio está disponível para qualquer um, que a graça do prestígio máximo pode ser de qualquer um, que podemos todos ser príncipes e potentados, ou santos, visionários e mártires sagrados, do

⁹ Tradução: “Estar com fome já é querer ser livre”.

¹⁰ É comum pensarem que o a filosofia sartreana se limita apenas às questões existenciais e ontológicas, provavelmente porque estas encontram-se evidenciadas em seu manifesto mais popular, *O existencialismo é um humanismo*, e em sua obra principal, *O ser e o nada*. Porém, após seus estudos fenomenológicos, Sartre acrescentou a importância da discussão da liberdade social/prática a sua filosofia, principalmente pela sua concepção de engajamento intelectual, tornando-se um dos principais críticos do século XX à ideologia burguesa. Tal percepção é visível nas publicações em que circulam as ideias formalmente estruturadas na *Crítica da razão dialética* (1960).

coração e da mente. E depois quando descobrimos que não somos isso, ela nos permite pensar que somos nada (TRILLING, 2011, p. 18).

Desde Deleuze, passamos a ter uma compreensão mais focal acerca do trabalho do filósofo enquanto o profissional dos conceitos; logo, tal visão orienta-nos à importante pergunta: qual o conceito de pobreza? Acompanhando Tortosa (2002) e Sachs (2009), Adela nos mostra o quão difícil é o estabelecimento de um conceito material bem delimitado de pobreza. Da mesma forma que Frutuoso e Viana (2021) nos dizem “quem inventou a fome são os que comem”, segue-se a mesma lógica para a pobreza: talvez quem a tenha inventado sejam aqueles que nela não se encontram, criando um ideal de vida que todos os indivíduos se matam para alcançar. Goreng já nos disse, na abertura de *O poço* (2020), película do diretor hispânico Galder Gaztelu-Urrutia: “há três tipos de pessoas: as de cima, as de baixo e as que caem”, pois claramente as condições de possibilidade de ascensão social (subir) são tão fáceis de serem concretizadas quanto o milagre de prever a chuva. Qualquer indivíduo que olhar para história poderá contemplar a evolução dos nossos confortos no avançar do tempo e perceber que eles não nos levam a nenhum local de plenitude social. Qualquer proletário da classe C possui, com exceção aos enormes castelos e a bajulação de súditos, condições de vida equiparáveis à nobreza e burguesia europeias do século XV. Água encanada? Um luxo absurdo; tratamento de esgoto? Uma riqueza inestimável; um mercado de renome, onde temos à nossa disposição uma diversidade de mais de 10 tipos de alimento? Parabéns, estamos melhores que a maioria dos representantes da espécie que já viveram até hoje.

O que isto nos leva a perceber é que a nossa realidade e nossas concepções de pobreza e riqueza nunca são definidas por fórmulas *a priori* ou por determinações reais daquilo que realmente importa: a vida. Tudo o que entendemos como pobreza nunca é uma relação do sujeito-para-si, ou seja, não é um conceito empírico real, não é um objeto do qual podemos extrair categorias, mas sim uma distância entre o dominante (rico) e o dominado (pobre). Como bem nos lembra Zizek (2014, p. 37): “a divisão entre Primeiro e Terceiro Mundo [parece estar muito mais relacionada a] linhas de uma oposição entre uma vida longa e satisfatória, preenchida pela abundância material e cultural e a dedicação da vida a uma causa transcendente”, do que a possibilidade de se manter de forma satisfatória em sua comunidade. Nesse sentido, se observássemos uma tribo na floresta que passa os dias caçando para se manter, sem as dezenas de problemas psíquicos causados pelo capitalismo ocidental, ainda assim provavelmente a chamaríamos de pobre, pois o crachá que mostra uma filiação a uma grande instituição, o carro do ano e uma cobertura de milhões de dólares, todos valem mais do que a paz interior. Em outras palavras, a pobreza é um conceito comparativo e os valores dependem apenas do quão livre o indivíduo é para agir no jogo do capital.

Até o desenvolvimento das sociedades burguesas, a riqueza estava na *graça* de se nascer com o sangue divino pertencente à nobreza, e antes de tal delírio humano se constituir, a pobreza encontrava-se na inabilidade e/ou carência de habilidades para se conseguir, geralmente através da força, os elementos verdadeiramente importantes para

a finita existência humana: abrigo, segurança, alimentação, parceiro para passar os genes adiante... Porém, há um elemento, um conceito que Cortina nos aponta como um critério *a priori*, independente da experiência, para entender o que são os *áporoi* (ἄποροι) em qualquer local do tempo e do espaço: são aqueles cujas possibilidades de realizar as atividades disponíveis em sua coletividade se encontram restringidas por determinadas barreiras metafísico-sociais.

A “métrica monetária” para avaliar os graus de pobreza tem recebido muitas críticas. Em princípio, as necessidades básicas não podem ser satisfeitas com os mesmos bens em contextos diferentes, porque não é a mesma coisa sobreviver no Polo Norte e em um país tropical, nem o dinheiro tem o mesmo valor nas sociedades desenvolvidas e naquelas em que predomina a economia informal. Levar em conta os contextos é indispensável para definir qualquer linha de pobreza, daí o fato de se falar em uma “economia clínica” e de uma “economia hermenêutica”. Por outro lado, a métrica monetária acaba recorrendo às mercadorias necessárias para satisfazer as necessidades básicas, chegando a uma espécie de fetichismo da mercadoria, quando o importante é comprovar se com a mercadorias se está amenizando a pobreza. Em terceiro lugar, essa métrica não leva em consideração as comparações interpessoais, ela apenas atende aos grandes números.

[...] Por sua vez, Amartya Sen propôs uma caracterização da pobreza exatamente precisa: a pobreza é, afinal, falta de liberdade.

Evidentemente, a pobreza extrema consiste na falta de meios necessários à sobrevivência, e nesses casos extremos “o primeiro é o primeiro”. Seguindo a tradição consagrada da Teoria das Necessidades, o primeiro passo é atender às necessidades básicas, é libertar da necessidade [...] um conceito mais amplo de pobreza, esta supõe falta de liberdade, a impossibilidade de realizar os projetos de vida que tenha motivos para valorizar, carência das capacidades básicas necessárias para assumir o comando da própria vida, o que tem consequências tão indesejáveis para quem dela sofre, como a de não poder ser um agente de sua própria vida, senão o que apenas um sujeito paciente na loteria natural ou social, à mercê da própria sorte, sem poder buscar a felicidade da maneira que gostaria de escolher.

Não há dúvida de que a pobreza introduz a discriminação negativa entre as pessoas em capacidades tão básicas quanto a de organizar suas próprias vidas e buscar a felicidade, porque apenas uma parte da humanidade tem os meios para isso (CORTINA, 2020, p. 150-152).

Como, em nossa sociedade, é o pedaço de papel chamado *dinheiro* que nos permite o acesso a locais, bens e experiências de valor social, quem carece de tal elemento já se torna subserviente a outrem, pois os demais membros da sociedade não desejarão se relacionar com aquele que não tem o que oferecer. Infelizmente, o sonho kantiano de ver o outro como *fim em si mesmo* não é possível em sociedades burguesas; se assim fosse, mesmo com todo o tempo disponível que determinadas pessoas possuem, elas não o gastariam em frente a telas de aparelhos eletrônicos, mas sim buscariam formas de ajudar aqueles que necessitam. No entanto, como a maior parte dos indivíduos também nada possui, podemos esperar muito pouco dessa situação.

4. Uma observação acerca da biologia

O que é o cérebro? Dentre as diversas possibilidades de resposta, podemos entendê-lo como “uma máquina que responde mecanicamente a um estímulo/ambiente. Onde se encontraria, então, a suposta naturalidade de uma aversão aos *áporoi*? A questão é que, apesar de muitas vezes ser discursado apenas como um “sistema autônomo ativo em constante interação social”, devemos, como sugere a própria Cortina (2020, p. 80), entender que ele, o cérebro, não possui neutralidade moral nos seus julgamentos, pois inevitavelmente realiza avaliações “para permitir a sobrevivência” do corpo em que habita.

Aparentemente, *a evolução por seleção natural deu origem a esse caráter avaliativo do cérebro, pois, sem a capacidade de avaliar estímulos, seríamos incapazes de aprender e recordar*. Aprendemos e recordamos porque os estímulos são apresentados a nós em termos de valores negativos e positivos, os quais levamos em consideração na hora de decidir. É por isso que os valores desempenham um papel central na tomada de decisões e o fazem em pelo menos dois níveis: como uma estrutura biológica básica ou como uma característica do nosso raciocínio moral avançado. Em ambos os casos, os valores estão entranhados em nosso cérebro, por isso não é estranho que esse órgão tenha sido descrito como um *órgão narrativo*, fiador de seus próprios relatos neurais. Curiosamente, *o cérebro é mais um processador de histórias do que um processador lógico*. Por essa razão, as histórias atraem nossa atenção muito mais do que os raciocínios. É inadequada a ideia de que o cérebro é uma máquina que funciona como um mecanismo incapaz de avaliar. (CORTINA, 2020, p. 81, grifo nosso)

Ainda este ano, em uma das reuniões do *Gramática Política*, grupo de estudos coordenado pelo Prof. Dr. Márcio Rodrigues Pereira, quando comentei acerca deste conceito e de sua importância para discussões mais atuais, uma de nossas colegas de debate apontou a necessidade de nos atentarmos à aceitação deste conceito pela academia, devido ao uso que a professora Cortina faz de argumentos biológicos. Segundo essa colega, o uso de argumentos derivados da biologia pode nos levar a certos *determinismos*. Devido à enorme concordância que vi e vejo ser feita a tal argumento, proponho-me a trazer algumas notas considerativas acerca dele: é importante lembrarmos que nós, seres humanos, o ápice da evolução cognitiva e com maiores possibilidades de abrangência espiritual e cultural, somos, antes disso tudo, apenas *bichos*; Um bicho que, graças à ociosidade fornecida pelo sistema social, conseguiu ver permitidas ocasiões de pensarmos para além de nossa sobrevivência.

Engels (2020), nos primeiros capítulos da *Origem da família, da propriedade privada e do estado* (texto de 1884), através das pesquisas do cientista e historiador das sociedades primitivas, Lewis Henry Morgan, utiliza o estudo dos estágios da espécie, conhecidos como *selvagem, barbárie e civilizatório*, para afirmar que todo domínio e evolução da técnica acompanharam, principalmente, as necessidades mais básicas dos corpos biológicos que as desenvolveram: alimentação, proteção e a sobrevivência dos seus. De acordo com Harari (2020, posições 381-382) em seu *best seller Sapiens: Breve História da Humanidade*, nossa vitória sobre as outras espécies *Homo* surgidas no globo são fruto principalmente “de uma revolução nas habilidades cognitivas dos *sapiens*”, e

como nos informa o próprio Engels (2020, p. 31), no estágio selvagem inferior, ou seja, no momento de menor “habilidade cultural [...], o principal progresso desse período foi a formação da linguagem articulada”.

A teoria mais aceita postula que mutações genéticas acidentais alteraram as conexões do cérebro dos sapiens, permitindo que pensassem de formas inéditas e se comunicassem usando tipos de linguagem totalmente novos. Podemos chamar isso de mutação da Árvore do Conhecimento. Por que ocorreu no DNA dos sapiens e não no dos neandertais? Até onde sabemos, por puro acaso. (HARARI, 2020, posições 386-389).

Ou seja, toda a beleza de nossa cultura é apenas o resultado de um amontoado de *bichos* querendo sobreviver e eliminando as dificuldades mais imediatas, comumente erradicando outros bichos que os ameaçam e dominando violentamente aqueles que podem explorar; e, se me permitem dizer, nosso cenário não mudou muito de lá para cá. De fato, chega a ser verdadeiramente cômico observar que quase tudo o que foi denominado até hoje na história das tecnologias como *progressos das sociedades*, comumente se referem apenas a uma forma mais sofisticada de observar um problema. Colocando de outra maneira, encontramos novas palavras, novos ângulos e novas formas (cada vez mais complexas) de analisar as mazelas da espécie, mas, igual a crianças que tentam brincar de adultos, nunca conseguimos findá-las.

Nosso tempo atual, considerado por muitos o ápice dos primatas *Homo*, o *sapiens* ainda não conseguiu lidar com os verdadeiros problemas da humanidade, que, voltamos a repetir, são: a fome, a proteção e sobrevivência dos seus. A não ser, é claro, que venhamos a entender por *humanidade* apenas o conjunto daqueles que possuem *dinheiro* (um amontoado de carbono e valor estritamente simbólico, que não podemos comer ou, de forma empírica, usar para muito mais coisas que fabricar uma simples folha de papel), cuja posse dá a seu usuário poderes semelhantes ao de deuses encarnados. Um instrumento de troca simbólica e uma loucura coletiva é o significado atribuído ao dinheiro. É uma doença para a qual infelizmente não há mais possibilidades de cura, pois como bem já nos disse Deleuze e Guattari (2004, p. 33), “existe apenas o desejo e o social, nada mais”. Tal frase é muito esclarecedora, porém limitada: o uso da conjunção *e*, de classe aditiva, faz-nos supor que uma coisa (o desejo) é diferente da outra (o social), quando, em verdade, *o social como o conhecemos é apenas um emaranhado de desejos*. E, como bem sabemos: desejos não são coisas que possam facilmente “voltar para trás”.

Após temos destruído diversos rios em nome do asfalto, queimado várias florestas em nome da monocultura e exterminado incontáveis espécies em nome de nossa inescrupulosa falta de compaixão e completamente injustificável orgulho, só o que nos restou efetivamente foi um pedaço de papel para forçar indivíduos (que não o têm) a correrem atrás dele e virarem escravos daqueles que o possuem. De fato, é esperado que Deus não exista, pois se vislumbrasse a debilidade humana que tantos fazem em seu nome, abandonaria toda sua criação.

Por que digo tudo isso? Para que não venhamos a descaracterizar os argumentos biológicos de Cortina, que baseados em estudos de psicologia social e neurologia, como se, em algum momento no nosso sistema capitalista, a pobreza não estivesse relacionada à falta de dinheiro, e como se tal recurso não estivesse intimamente ligado à *básica sobrevivência* do corpo. Havendo nós entendido que, em nosso sistema, o dinheiro, ou melhor dizendo, *o capital*, seja monetário ou simbólico,¹⁰ é o meio pelo qual os *bichos*, nesse emaranhado de desejos que chamamos de *campo social*, podem exercer, na prática, o elemento metafísico da liberdade, é necessário também entender que, nas manifestações fenomênicas desta liberdade, também se encontram, antes de todos os luxos dos afortunados, a sobrevivência cotidiana pela manutenção dos bens mais básicos da sobrevivência humana. Ninguém minimamente racional aceitará passar a vida viajando na classe executiva da Emirates Airlines em troca de um eterno jejum de água e comida.

5. Considerações finais: uma aporia – educação ou revolta?

A aporofobia é uma condição sistêmica, ou seja, não é um acaso ou um acontecimento isolado. Não é um erro que não a estamos percebendo. Odiar as *representações de pobreza* faz parte da própria sociedade na qual estamos inseridos. Cortina, como a boa neokantiana que é, e conseqüentemente crente na possibilidade de uma humanidade iluminada, acredita que a educação voltada para o ensino ético de uma nova geração seja nossa melhor forma de corrigir este sistema. Isso porque, por meio do ensino de “mensagens claras de que nossas sociedades rejeitam comportamentos aporofóbicos e apostam em ações que empoderem os pobres” (CORTINA, 2020, p. 113), encontraremos uma solução para tal problema. Aparentemente,

Para produzir essa mudança na direção de ideais igualitários é necessário contar com a educação na família, na escola, na mídia e no conjunto da vida pública. Mas também é necessário construir os tipos de instituições e organizações que caminham nessa direção, porque não serão apenas justas, que é o que lhes corresponde, mas ajudarão a configurar pessoas com caracteres justos. As instituições e organizações realizam tarefas mais ou menos acertadas, mas ao mesmo tempo em que educam com a sua mera existência e atuação, influenciam na conformação do cérebro e do caráter pessoal e social (CORTINA, 2020, p. 148).

Eu particularmente não sei dizer se tal alternativa, apesar das boas intenções, é verdadeiramente prática, pois, como podemos observar na história das lutas entre

¹¹ Para o melhor entendimento do que é *capital simbólico*, é sugerível o acompanhamento dos trabalhos do sociólogo francês Pierre Bourdieu. No capitalismo, é o capital que move o sistema, e como bem nos lembra Bourdieu (2010), o capitalismo não se limita a uma compreensão de trocas materiais, mas também abrange as simbólicas. Porém, poucas são as vezes (tão raras quanto trevos de quatro folhas) em que nos deparamos com possibilidades de consagrações sociais desvinculadas dos agentes do capital financeiro que permitam seus devidos cenários. Leonídio (2017, p. 29) nos fornece uma boa síntese do que é o capital em Bourdieu: é um “conjunto de recursos que um agente pode disponibilizar na busca dos troféus inseridos no espaço de jogo”, ou seja, trata-se de um sinônimo de poder, que não se limita a ativos econômicos, mas também abarca elementos socioculturais que se reproduzem e que promovem mobilidade social em uma sociedade estratificada.

dominantes e dominados, nunca na narrativa da humanidade houve o desenvolvimento de *solidariedade espontânea*; isto é, todas as condições de avanço e progresso da qualidade de vida e do poder social das camadas mais baixas apenas foram conquistadas pela força e pressão destas mesmas camadas. Já que a nobreza não ficou feliz em ceder espaço aos burgueses, os burgueses não ficaram felizes em ceder direitos aos trabalhadores; da mesma forma, os escravocratas não festejaram com a abolição da escravidão e, até onde eu me lembre, não foram os homens que se reuniram para expandir os direitos das mulheres. Assim sendo, por que diabos deveríamos esperar que, no capitalismo, o dominante ofereça espaço para o dominado? Talvez devamos dar mais créditos aos haitianos e aos franceses, nacionalidades modernas que sem dúvida melhor entenderam o que é a luta pela liberdade de si. Freire (1987, p. 34) já nos disse que: “A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. [...] Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem” afinal, como também nos lembra Timothy Cavendish em *A Viagem* (2012): “*Freedom, the fatuous jingle of our civilization. But only those of us deprived of it have an inkling of what it really is*”.¹²

A ingenuidade de pensadores como Cortina, claramente fruto da localização geográfica e social em que se encontra, é a crença em ideias metafísicas para sanar problemas extremamente físicos. O problema concreto da aporofobia não é apenas a aversão de um grupo a outro e todas as mazelas causadas pelo monopólio dos recursos detido pelos apórofobos. A pobreza é um problema que não pode esperar até educarmos a próxima geração; e como bem nos conhecemos, educar pessoas é a última coisa que sabemos fazer. Tal posicionamento pode se assemelhar ao que Zizek (2014, p. 27) chama de *comunismo liberal*: “os comunistas liberais simplesmente amam as crises humanitárias, que trazem à tona o melhor de si mesmos!”. E onde podemos encontrar a materialização de tal conceito? Em todos aqueles que tentam superlativar medidas de solidariedade que fazem uso do mesmo sistema que causa o problema a ser resolvido: “Os mesmos filantropos que dão milhões de dólares para combater a AIDS ou promover a educação arruinaram a vida de milhares de pessoas através da especulação financeira e criaram assim as condições para a emergência da mesma intolerância que pretendem combater” (ZIZEK, 2014, p. 43).

A questão é: as fobias minoritárias da contemporaneidade possuem tempo, discurso e poder específico e centralizado. O valor do conceito de Cortina é sua universalidade, pois aponta a desgraça ética do pilar da sociedade: o dinheiro, desde sua amplitude socio-histórica até as predisposições biológicas apontadas pela neurociência, segundo a qual “o cérebro é naturalmente egocêntrico [e] o medo do estrangeiro é

¹² Tradução: “Liberdade, a tola cantiga de nossa civilização. Mas apenas aqueles que não a têm possuem a vaga ideia do que ela realmente é”

completamente natural”¹³ (CORTINA, 2020, p. 84-85). Generalizar todas as formas de opressões sistêmicas à aporofobia seria um desfavor claro às lutas e organizações que se manifestam contra – pois, sem dúvida, como nos expressa a própria Cortina: para o melhor entendimento de fenômenos específicos, é preciso haver nomes específicos e observações específicas. Apesar dessa ressalva, o conceito de aporofobia talvez seja um dos mais importantes para se iniciar a investigação, justamente por se enquadrar em todas as opressões direcionadas aos grupos minoritários – os grupos dos sem recursos, os *aporai*.¹⁴

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CORTINA, Adela. *Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia*. Tradução de Daniel Febre. São Paulo: Contracorrente, 2020.
- A VIAGEM. Direção e Roteiro de Lana Wachowski, Lilly Wachowski e Tom Tykwer, 2012. 1 DVD (172 min.), son., color.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. *O anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- DEBONA, Vilmar. A aporofobia do bolsonarismo. *Le monde diplomatique Brasil*, 04 de abril de 2020. Disponível em: <diplomatique.org.br/a-aporofobia-do-bolsonarismo/> Acesso em 06 de jan. de 2021.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Tradução de Ciro Miranda. São Paulo: Lafonte, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- FRUTUOSO, Maria Fernanda Petrolí. VIANA, Cássio Vinícius Afonso. Quem inventou a fome são os que comem: da invisibilidade à enunciação – uma discussão necessária em tempos de pandemia. In: *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 25, p. e200256, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.200256>>.

¹³ Por “estrangeiro” podemos nos referir ao *Outro*, especificamente aquele que não consideramos parte de nosso grupo, e que pode nos trazer danos – e, sejamos sinceros, o maior medo de todos os seres humanos atuais é ver sua conta bancária no zero.

¹⁴ Esse seria o caso da aporofobia, da aversão ou rejeição ao pobre porque parece que pobreza é desagradável, que o pobre apresenta problemas e que de algum modo contamina. Não me refiro apenas à pobreza econômica, mas à de quem se encontra desvalido e sem apoio em uma má situação, à de quem é objeto de críticas, ameaças, desprezo ou provocações porque carece de poder, seja na política, na empresa, na universidade, na escola, na fábrica ou em qualquer outro lugar, porque em todos eles funciona o Efeito Matthew: “ao que mais tem, mais será dado, ao que tem pouco, até o pouco que tem será subtraído”. Em cada caso, o pobre é o sem poder nesse tempo e nesse lugar. É contra ele que se dirigem os discursos de aversão e rejeição, inclusive de ódio, que permitem manter os que estão bem situados onde estão, sempre seguidos por seus lacaios. (CORTINA, 2020, p. 64)

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens (Nova edição): Uma breve história da humanidade*. Tradução: Jorio Dauster. 1ª Edição. Companhia das Letras, 2020. E-book Kindle.

LEONÍDIO, Luciano Flávio da Silva. *História do Fórum de Pró-reitores de extensão das Instituições públicas de educação superior brasileiras*. FORPROEX (1987-2012). Orientador: Edilson Fernandes de Souza. Tese (Doutorado em Educação). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

MOVIMENTO SÃO PAULO LIVRE. *O que queremos?* Disponível em: <saopauloindependente.org/o-que-queremos.html>. Acesso em 06 de jan. 2021.

O AUTO DA COMPADECIDA. Direção e Produção de Guel Arraes; Roteiro de Guel Arraes, Adriana Falcão e João Falcão. 2000. 1 DVD (104 min.), son., color.

O POÇO. Direção de Galder Gaztelu-Urrutia; Roteiro de David Desola e Pedro Rivero, 2020, (94 min.), son., color. Disponível em: <netflix.com.br>.

O SUL É MEU PAÍS. *Carta de princípios*. Disponível em: <sullivre.org/carta-de-principios/>. Acesso em 06 de jan. 2021.

TRILLING, Lionel. George Orwell e a política da verdade. In: ORWELL, George. *Como morrem os pobres e outros ensaios*. Seleção de textos João Moreira Salles e Matinas Suzuki Jr.; Organização Matinas Suzuki Jr.; Prefácio de Lionel Trilling; Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. Ilustrações de Pedro Rafael. 30ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SACHS, Jeffrey. *O fim da pobreza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Simone Borges dos; SAMPAIO, Alan da Silva. A liberdade da filósofa Angela Davis. *Revista Ideação*, n. 42, pp. 356-372, 2020. Disponível em: <periodicos.uefs.br/ojs/index.php/revistaideacao/article/view/5071>. Acesso em: 30 de abr. 2020

SARTRE, Jean-Paul. Estar com fome já é querer ser livre. Tradução: Flávio Rocha de Deus. *Anãnsi: Revista de Filosofia*, v. 1, n. 1, p. 220-222. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/9547>>. Acesso em 10 de jan. 2021.

TORTOSA, José M. "Pobreza". In: CONILL, Jesús. "Por una economía hermenéutica de la pobreza". In: CORTINA, Adela; PEREIRA, Gustavo (eds.). *Pobreza y libertad: erradicar la pobreza desde el enfoque de las capacidades de Amartya Sen*. Madrid: Tecnos, 2009, pp. 151-162.

ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução: Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.